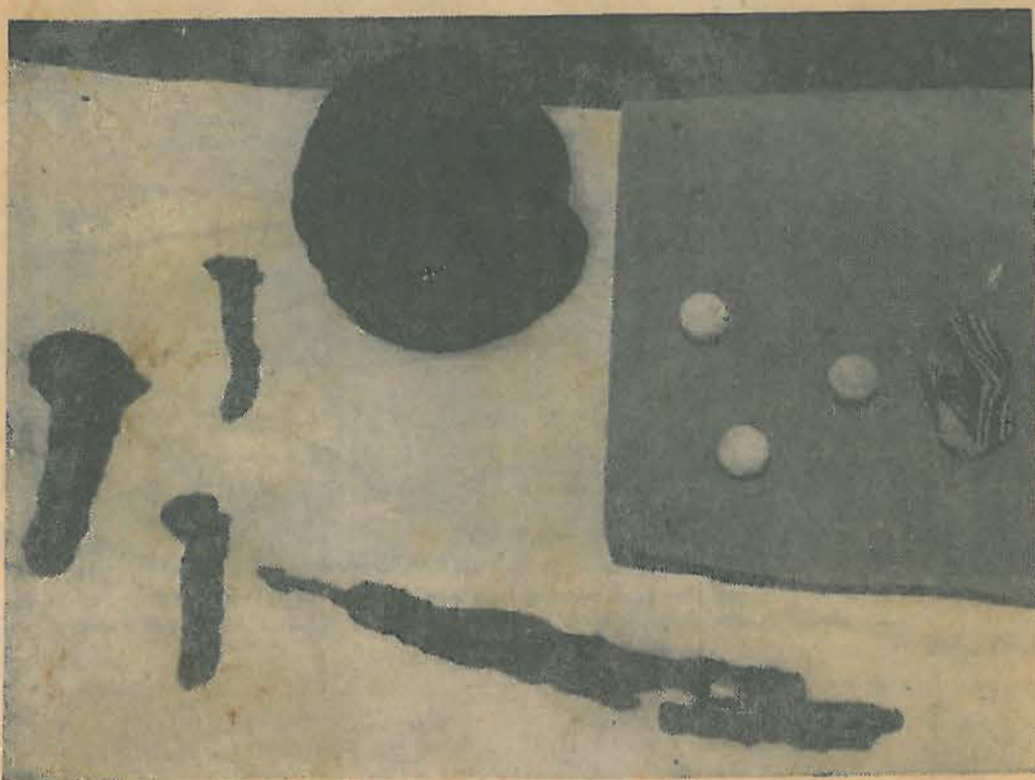
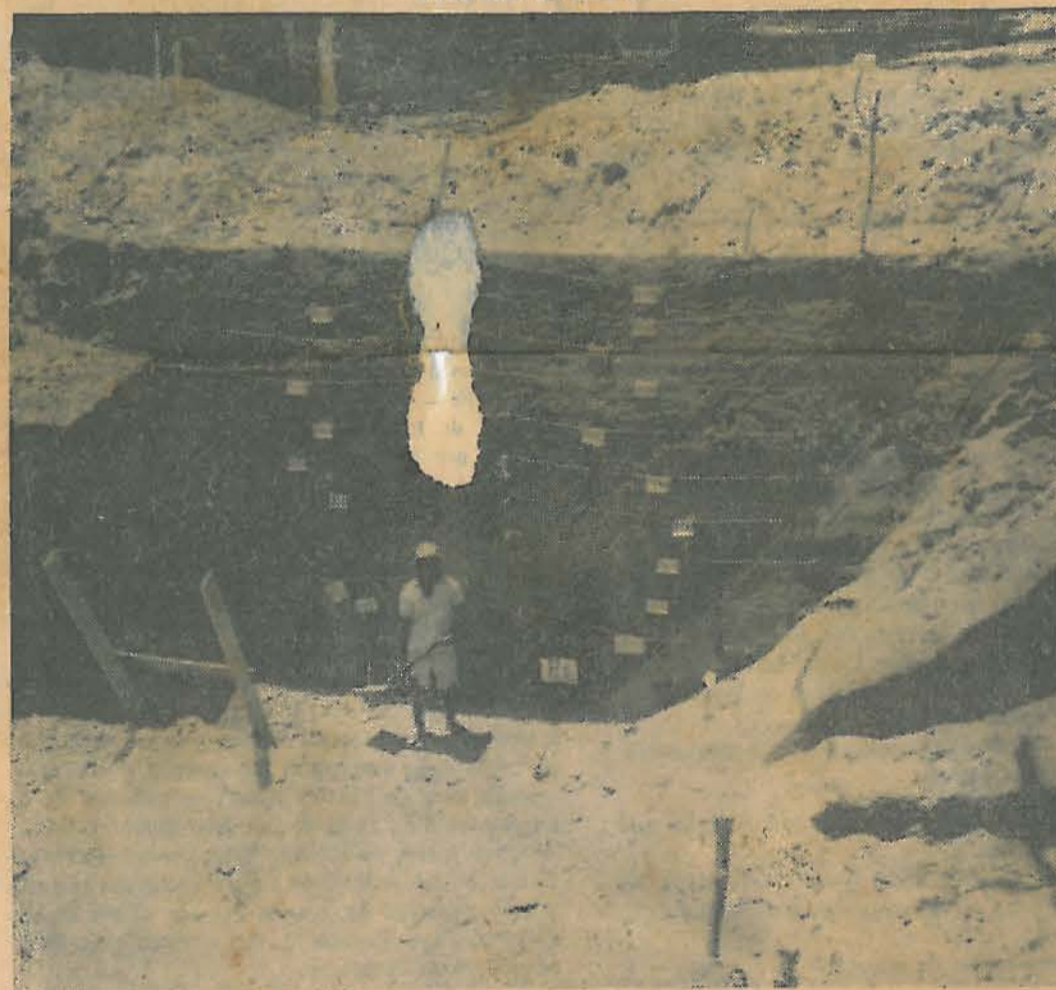


Do ventre da terra do Sítio Trindade ressurgem notícias da Guerra Holandesa

Notas de Tadeu ROCHA — Fotos de Diógenes MONTENEGRO



Uma ponta de lança, halas de canhão e mosquete, pregos e pedaço de louça doméstica, vistos nesta foto, fazem parte do material descoberto no fosso do Forte Real do Bom Jesus



O fosso do lado norte da fortaleza foi identificado em meados de setembro, após três semanas de escavação



A parte mais alta da colina do Sítio Trindade estava quase toda compreendida na fortaleza do Arraial Velho e para lá deve ser transferido o marco levantado pelo Instituto Arqueológico



Numa das escavações procedidas na área do Arraial Velho do Bom Jesus foi encontrado este fogão de barro, que deixou de servir há 333 anos

333 anos após a rendição do Forte Real do Bom Jesus, ressurgem do ventre da terra recifense restos e vestígios das lutas de cinco anos, nesse campo de batalha dos heróis antigos.

Escavações procedidas pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco estão desencovando no Sítio Trindade, que ocupa a maior parte do Arraial Velho do Bom Jesus, objetos soterrados no fosso da antiga fortaleza, de onde o General Matias de Albuquerque comandou a heróica resistência dos nordestinos contra os invasores holandeses, numa luta que foi, ao mesmo tempo, "guerra do açúcar" e "guerra da liberdade divina". Bala de canhão e de mosquete, carcomidas pontas de lanças, fragmentos de louça portuguesa, jarros para vinho ou azeite, cachimbos de barro e grandes pregos, que a ferrugem não conseguiu destruir, reaparecem aos nossos olhos, quase três séculos e meio depois de sua utilização no corpo e alma de uma pátria nascente.

Numa coincidência que bem expressa a continuidade da civilização nordestina, coube ao jovem pesquisador Marcos Albuquerque, que possui nas veias o mesmo sangue do herói do Arraial Velho, dirigir as escavações no Sítio Trindade, com um espírito e uma dedicação que atestam as preocupações científicas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Aliás, não se poderia esperar outra coisa de uma entidade universitária dirigida pelo historiador José Antônio Gonçalves de Melo, que também carrega nos ombros uma tradição familiar oriunda dos primeiros de civilização pernambucana, ainda na primeira metade do século XVI.

ESCAVAÇÕES

Com a permissão da Prefeitura Municipal do Recife, administradora do Sítio Trindade, a Divisão de Intropologia Tropical do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas iniciou pesquisas nesse logradouro público, com o fim de determinar o perímetro exato do primeiro Forte Real do Bom Jesus, arrasado pelos flamengos em meados de 1635. Para isso era necessário descobrir o fosso que cercava a fortaleza e que foi aterrado com o material proveniente de sua destruição.

Logo que cessaram as chuvas do fraco inverno deste ano, na primeira metade do mês de agosto, o pesquisador Marcos Albuquerque arma sua baraca na parte alta da encosta norte do Arraial Velho e deu início a um corte transversal no terreno que devia ter per-

tencido ao nosso primeiro Forte Real do Bom Jesus. Segundo a planta da antiga fortaleza — conservada inédita na Holanda, durante mais de três séculos, e somente divulgada em 1961, pelo historiador José Antônio Gonçalves de Melo, na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — sua forma esquemática era a de um retângulo, com 111,30 m de comprimento e 92,75 de largura.

Esse corte transversal deveria localizar o fosso do lado setentrional, entulhado com o próprio barro da muralha do Forte, construída em taipa de pilão. Realmente, com três semanas de paciente e meticuloso trabalho, já nos meados de setembro foi encontrado o fosso, em cujo atêrro trisseccular se descobriram restos de munições e de objetos de uso doméstico ou pessoal. No andamento das escavações, também reapareceu um tosco fogão de barro, dentro da área, agora identificada com precisão, da fortaleza do Arraial Velho. Espera-se que estas primeiras descobertas sejam seguidas de muitas outras, à medida que se vão escavando não só o fosso setentrional, como também os dos lados leste, oeste e sul.

COMPROVAÇÃO HISTÓRICA

A notável revelação do trabalho de campo do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, no Sítio Trindade, veio comprovar uma quase centenária pesquisa do Instituto Arqueológico Pernambucano, que em 1872 conseguiu identificar o oiteiro do Alto do Céu, na Mangabeira de Cima, à margem da Estrada do Arraial, como o lugar onde se erguera o Forte Real do Bom Jesus, em torno de que se formara o Arraial Velho, de Matias de Albuquerque. Não podemos menosprezar o trabalho pioneiro do Instituto Arqueológico, há 96 anos, porque "durante mais de dois séculos foi perdida a tradição do local em que existira o Forte Real do Bom Jesus".

A mais completa descrição da heróica fortaleza recifense foi feita por seu próprio conquistador, o General Crestofle Arciszewsky, polonês a serviço dos flamengos. Um dos trechos desse importante documento esclarece que "o forte era grosseiramente feito e irregular, do ponto de vista da arte, mas era obra de extraordinária solidez. Os fossos tinham a profundidade de uma lança e meia, e, pela natureza do solo, tão a pique que ninguém que nele caísse conseguiria escapar. Pelo meio do fosso corria um passadizo de terra, tão consistente como se fosse de alvenaria, o qual fazia de um só fosso dois. As muralhas, a contar do nível

do terreno, eram da altura de mais de lança e meia e também muito a pique".

CONSTRUÇÃO DO FORTE

Depois que os holandeses conquistaram Olinda, no dia 16 de fevereiro de 1630, e renderam as fortificações do Recife, duas semanas após, o General Matias de Albuquerque ocupou e começou a fortificar, precisamente a 4 de março, a casa do lavrador Antonio Abreu. A escolha recaiu em tal sítio pelo fato de ser uma colina equidistante de Olinda e Recife, possuir água e lenha e ter fáceis comunicações com as duas localidades e muitos engenhos da várzea do Capibaribe. Os trabalhos do forte começaram com 20 pessoas, porém foram logo chegando vários moradores com os seus escravos e em pouco tempo ficou concluído o nosso quartel general.

A construção era irregular e mal acabada, no entanto muito resistente. A natureza do terreno, o profundo fosso e os altos paredões deram-lhe o aspecto de "uma fortaleza quase inexpugnável", sob cuja proteção foram abrigar-se muitas famílias, numerosos sacerdotes e diversos negociantes. Surgiu, assim, uma povoação eminentemente brasileira — o Arraial do Bom Jesus — onde Henrique Dias se apresentou com os seus pretos livres, em 14 de maio de 1633, completando o amálgama de brancos, índios, negros escravos e mestiços de toda ordem, já existente no Forte e no vizinho Arraial.

BERÇO DE CIVILIZAÇÃO

A fortaleza e a povoação confundiam-se nos mesmos fins militares e civis de preservar-se a forma portuguesa da civilização ocidental, expressa na religião católica, na família patriarcal, na agro-indústria do açúcar, no trabalho escravo e na mestiçagem racial. A maior convivência das castas e das raças, em meio aos perigos da guerra, fez brotar no Arraial Velho a idéia de uma pátria comum a brancos, índios, negros e mestiços, a que não faltaram nem os traidores. No primeiro ataque dos holandeses ao Forte Real, no dia 14 de março de 1630, um dos nossos defensores feridos na luta foi o mestiço Domingos Fernandes Calabar. Outras quatro investidas sofreu o Arraial, de onde saíram os primeiros heróis da Pátria brasileira, para atacar os invasores de sua terra, os devastadores de sua economia, os profanadores de sua religião.

SANGUE BRASILEIRO

A traição de Calabar, em abril de 1632, permitiu que o

domínio holandês se espalhasse pelas terras do Nordeste. Foram caindo em seu poder Igarapé, Rio Formoso, as Alagoas, a Paraíba, o Rio Grande do Norte... O Forte Real do Bom Jesus prejudicava, porém, os planos militares e econômicos dos invasores. Era necessária a sua destruição. O cerco iniciou-se a 3 de março de 1635 e foi-se apertando cada vez mais: as comunicações ficaram cortadas e o reabastecimento secreto foi interrompido. "A maior peleja era a da fome". Comia-se carne de cavalo, cachorro, gato e rato; até couros e peles de animais foram consumidos. Após 3 meses e 3 dias de sítio, rendeu-se o arraial. Era o dia 6 de junho de 1635. Os combatentes e os sacerdotes foram tratados com dignidade. Mas os civis tiveram de pagar aos holandeses elevadas quantias de resgate. E estes logo arrasaram os restos do nosso primeiro Forte Real do Bom Jesus. O sentimento de uma Pátria ficou nos corações dos heróis e ressurgiu, dez anos mais tarde, na epopéia da Insurreição Pernambucana.

UM MARCO HISTÓRICO

Na extremidade ocidental da chá do Sítio Trindade, encontra-se o monumento indicativo do Forte Real do Bom Jesus, levantado pelo Instituto Arqueológico, em terreno que lhe foi doado pelo então proprietário do Sítio, Anselmo Peretti. O monumento consta de uma pirâmide de granito apicada, assente num prisma quadrangular, trabalhado na mesma rocha. Sua inauguração foi feita, com muita solenidade, a 29 de janeiro de 1922, meio século após a identificação do local do Forte. Usaram da palavra o presidente e o secretário do Instituto, o vigário capitular da Arquidiocese, que benzeu o marco histórico, e o prefeito do Recife, que o recebeu em nome da cidade. Mas, com o tempo, o Recife praticamente nada fez em defesa do monumento do Arraial Velho, até que se resolveu a desapropriar o Sítio Trindade e convertê-lo em parque municipal, na administração do engenheiro Pelópidas Silveira, nos fins da década de 50.

Agora, com a descoberta do verdadeiro lugar do primeiro Forte Real do Bom Jesus, o Instituto Arqueológico Pernambucano, em sua qualidade de guardião das nossas legítimas tradições históricas, está no dever moral de transferir esse marco para o alto da chá da colina sagrada, onde se pode dizer que nasceu o Brasil.